

## **A IDENTIDADE LINGUÍSTICA DO MANEZINHO DA ILHA: UMA PROPOSTA DE INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS<sup>1</sup>**

**Ana Cláudia Fabre Eltermann**

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),  
Florianópolis/ SC, Brasil

**Cecília Augusta Vieira Pinto**

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),  
Florianópolis/ SC, Brasil

**Érica Marciano de Oliveira Zibetti**

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),  
Florianópolis/ SC, Brasil

**Gésyka Mafra**

Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),  
Florianópolis/ SC, Brasil

**RESUMO:** Neste artigo, propomos um instrumento de coleta para captar e testar o grau de pertencimento à comunidade e a identidade linguística de uma amostra composta por nativos de Florianópolis, do bairro da Barra da Lagoa, mais especificamente por trabalhadores de um restaurante tradicional localizado no bairro. Para isso, construímos um instrumento baseado em entrevistas que enfocam o “ser manezinho da ilha” e sua forma de falar. O roteiro de questões foi dividido em quatro etapas: (i) perguntas relacionadas ao trabalho e ao convívio com os colegas, além de perguntas sobre o bairro e sobre a identificação com a cultura local; (ii) teste de percepção linguística; (iii) perguntas sobre os diferentes modos de falar; e (iv) teste de avaliação metalinguística. Acreditamos que o instrumento de coleta é viável para futuras pesquisas e que pode servir como base para outros estudos sociolinguísticos que envolvam a relação entre língua e identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metodologia. Identidade. Sociolinguística.

**ABSTRACT:** In this paper, we propose a data collection instrument to capture and test the degree of a community belonging and the linguistic identity of a sample composed of natives from Florianópolis city, from the neighborhood of Barra da Lagoa, more specifically by a cluster of workers from a traditional restaurant located in same neighborhood. For this, we elaborated an instrument based on interviews that focus on “ser manezinho da ilha” and their way of speaking. The questionnaire was divided into four stages: (i) questions about work and interaction with colleagues, as well as questions about the neighborhood and identification with the local culture; (ii) linguistic perception test;

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi realizado como atividade da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia (2016/01) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

(iii) questions about the different ways of speaking; and (iv) metalinguistic evaluation test. We believe that the data collection instrument is feasible for future researches and can serve as a basis for other sociolinguistic studies that involve the relationship between language and identity.

**KEYWORDS:** Methodology. Identity. Sociolinguistics.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma proposta de um instrumento de coleta que possa captar e testar o grau de pertencimento à comunidade e a identidade linguística de informantes nativos da Ilha de Santa Catarina. Desse modo, neste artigo, apresentamos e descrevemos as etapas realizadas em nosso instrumento de coleta, de modo que os resultados da testagem serão abordados em uma publicação futura.

Para a elaboração e testagem deste instrumento de pesquisa, delimitamos como foco de estudo a comunidade da Barra da Lagoa, com ênfase em um grupo específico — indivíduos da comunidade que trabalham há muitos anos em um restaurante tradicional, localizado no mesmo bairro. O tema que norteará nosso roteiro de questões é sobre o “ser manezinho da ilha”<sup>2</sup> e a sua forma de falar.

As entrevistas com alguns indivíduos da comunidade, trabalhadores do restaurante, foram gravadas em áudio, seguindo um roteiro de questões divididas em quatro etapas: (i) perguntas relacionadas ao trabalho e ao convívio com os colegas, bem como perguntas sobre o bairro e sobre a identificação deles com a cultura local; (ii) teste de percepção linguística; (iii) perguntas sobre os diferentes modos de falar; e (iv) teste de avaliação metalinguística. As etapas (ii), (iii) e (iv) foram compostas por perguntas relacionadas a fenômenos típicos do “manezês”. Para isso, escolhemos alguns usos linguísticos que foram apontados por Severo e Nunes de Souza (2015), baseadas em estudos anteriores, como marcas identitárias do manezinho:

- a realização das oclusivas alveolares diante de /i/ (como em tia e dia), com as seguintes variantes:
  - Não africada [t, d];

---

<sup>2</sup> “Manezinho da ilha” é o termo popularmente utilizado para designar os nativos de Florianópolis.

- Africada não palatal [ts, dz];
- Africada palatal [tʃ, dʒ].
- a realização de marcadores discursivos, com as seguintes variantes:
  - Não tem?
  - Entendesse?
  - Entendeu?

Este trabalho está organizado como segue. Na primeira parte, trazemos as bases teóricas que nos guiaram neste estudo. Na segunda parte, descrevemos a metodologia de coleta. Na terceira, trazemos os primeiros resultados sobre a captação de dados que nos mostram o grau de identificação dos informantes com a comunidade da Barra da Lagoa e sobre a possível comunidade de prática “trabalhadores de um restaurante da Barra da Lagoa”. Por fim, nas considerações finais, fazemos uma avaliação de nossa proposta, elencando seus pontos positivos e negativos.

## **APARATO TEÓRICO: DIFERENTES PERSPECTIVAS DE COLETA DE DADOS NA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA**

Com o objetivo de estudar a variação e mudança em escala maior (comunidade de fala), a partir do vernáculo do indivíduo, Labov (1966) desenvolveu várias estratégias para captar a fala menos monitorada do informante considerando o paradoxo do observador<sup>3</sup>. Valle e Görski (2014) analisam detalhadamente o gênero entrevista sociolinguística e mostram que Labov (1984) reconhece a rigidez de controle das entrevistas das décadas de 1960 e 1970 organizadas em módulos — com perguntas agrupadas em tópicos bem definidos, partindo de questões mais gerais e impessoais para as mais específicas e pessoais — e sugere uma relativa flexibilidade durante a entrevista, considerando um equilíbrio entre o controle da aplicação dos módulos pelo entrevistador e a liberdade concedida ao entrevistado. As autoras mostram também que Labov (2001), em seus recentes trabalhos, parece flexibilizar ainda mais o formato da entrevista, dando maior importância à interação

---

<sup>3</sup> Tentar “romper os constrangimentos da situação de entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emerja” (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

entre entrevistador e entrevistado do que à aplicação dos módulos da entrevista sociolinguística.

Nos estudos de variação e mudança em escala menor, como rede social<sup>4</sup> e comunidade de prática, percebe-se que as análises “são capazes de fornecer informações mais detalhadas sobre o uso que os falantes fazem da variabilidade linguística” (MILROY, 1980, p. 21, *apud* BATTISTI, 2014, p. 79). Milroy (1980), ao estudar o vernáculo de indivíduos da classe trabalhadora de três bairros de Belfast, percebeu que os membros da classe operária, por frequentarem o mesmo ambiente de trabalho, lazer e vizinhança, tinham uma rede de comunicação muito mais tensa que os membros das classes médias ou superiores. Ao correlacionar as variáveis linguísticas com redes sociais, a linguista compreendeu que o uso majoritário de variantes vernaculares na interação local “reflete os padrões de interação social entre as comunidades em redes densas, multiplexas” (BATTISTI, 2014, p. 83). Além disso, Milroy (1980) percebeu também que os indivíduos investigados eram pessoas que não apresentam grande mobilidade territorial e interação socialmente no próprio bairro, desenvolvendo, assim, um forte sentimento de pertença ao local, o que foi denominado pela autora de *localismo*.

De acordo com Freitag (2015), para controlar as redes sociais multiplexas, Milroy (1980)

propôs uma combinação de traços para controlar multiplexidade e densidade da rede, baseada em uma escala de seis pontos, do 0 a 5, controlando os seguintes indicadores:

- Membro de uma rede densa, territorialmente constituída . rede densa
- Laços fortes de parentesco . rede multiplexa
- Trabalha no mesmo lugar com ao menos dois outros membros da mesma comunidade . rede multiplexa
- Compartilha o mesmo local de trabalho com ao menos dois outros membros do mesmo sexo da mesma área . rede multiplexa
- Desenvolve trabalhos voluntários nas horas vagas . rede multiplexa

(MILROY, 1980 *apud* FREITAG, 2015, p. 46).

Sobre a comunidade de prática (CP), conforme Eckert (1996), esta é um agrupamento de indivíduos que compartilham práticas sociais e se reúnem regularmente em torno de um objetivo comum. Essas práticas podem envolver crenças, valores, modos de falar, modos de fazer as coisas. As pessoas costumam participar de múltiplas CPs, e a identidade individual é baseada na multiplicidade dessa participação. Por esse motivo, nas CPs, as variantes linguísticas assumem significação social, ocorrendo uma relação direta entre língua e

---

<sup>4</sup> De acordo com Calvet (2002), a noção de redes sociais (*social networks*) surgiu inicialmente na Sociologia.

identidade. Nessa perspectiva, pode-se identificar uma população tendo como base suas práticas sociais, dentro das quais se encaixam os traços linguísticos. É, portanto, dentro da CP que se forma o significado social da variação.

De acordo com Severo (2007), a importância que se atribui à identidade nas pesquisas sociolinguísticas é diferente conforme o lócus de análise. Assim, em pesquisas centradas na concepção de “comunidade de fala”, a identidade ocupa um papel secundário na explicação do fenômeno linguístico, enquanto que em pesquisas pautadas na noção de “comunidade de prática”, o papel da identidade em sua relação com a variação e a mudança é mais prioritário.

De acordo com Tabouret-Keller (1998), a língua falada por alguém e a sua identidade enquanto falante dessa língua são inseparáveis, de modo que atos linguísticos são atos de identidade. A relação entre língua e identidade é forte o bastante para que um único traço linguístico possa ser suficiente para identificar alguém como participante de um determinado grupo. Cada indivíduo explora diferentes camadas de identidade, formando redes mais ou menos imbricadas, algumas mais propensas a mudanças e substituições, outras mais permanentes. Sendo assim, as pessoas se identificam e são identificadas dentro do espaço e tempo sociais a que pertencem e dentro dos diferentes grupos que participam – institucionais, profissionais, de amizade, etc. (TABOURET-KELLER, 1998).

Dessa forma, elaboramos um instrumento de coleta tendo em mente o significado social da variação, a fim de verificar como os informantes, trabalhadores de um restaurante local e moradores da comunidade da Barra da Lagoa, reagem diante de alguns fenômenos linguísticos tipicamente manezinhos e qual(is) significado(s) social(is) esses informantes atribuem a cada variante.

## **METODOLOGIA DO INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

As partes da elaboração do nosso instrumento de coleta de dados serão detalhadas a seguir: na primeira parte explicamos a escolha do local de investigação e do grupo de informantes e na segunda parte apresentamos a organização do roteiro de perguntas das entrevistas.

### **PRIMEIRA PARTE: LOCAL DE INVESTIGAÇÃO E GRUPO DE INFORMANTES**

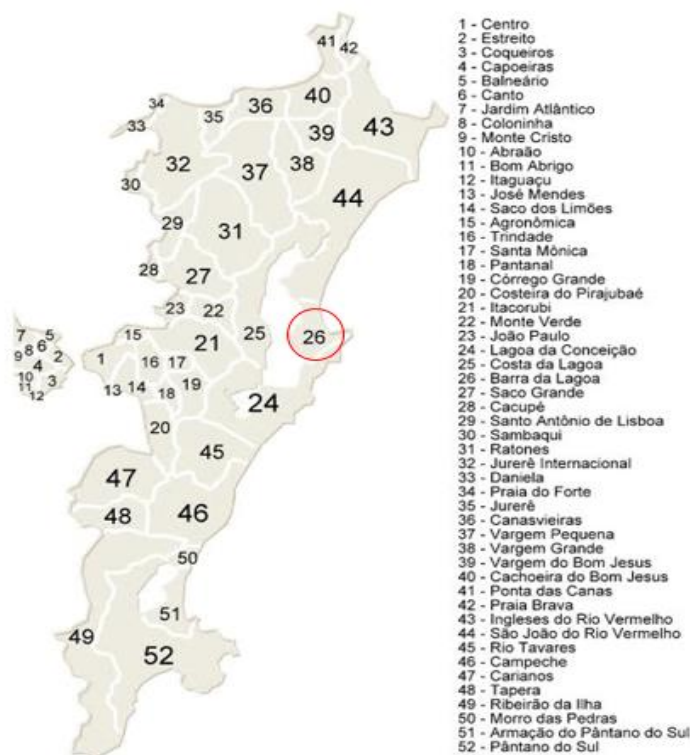
O local a ser investigado é a comunidade da Barra da Lagoa, em Florianópolis - SC, e o grupo de informantes escolhidos são alguns trabalhadores de um restaurante local. Apresentamos nas próximas seções a descrição da comunidade, do restaurante local e o perfil dos informantes e do entrevistador.

### A comunidade da Barra da Lagoa

A comunidade da Barra da Lagoa, com área total de 4,75 km<sup>2</sup>, localizada a 20 km do centro urbano da cidade, é um dos principais pontos turísticos de Florianópolis. De acordo com Valle (2014), a antiga vila de pescadores cresceu com a intensificação do fluxo turístico e com a chegada de moradores de outros Estados, a partir da década de 1980, quando houve uma (re)organização urbana e social da localidade.

Conforme Valle (2014, p. 201), com a chegada dos turistas, os moradores locais “passaram a entender o turismo como forma de complementar a renda da pesca nos períodos sazonais” e investiram na atividade turística oferecendo serviços e montando pequenos comércios.

Figura 1 – Localização da comunidade Barra da Lagoa em Florianópolis



Fonte: <http://www.encontrasantacatarina.com.br/mapas/mapa-bairros-de-florianopolis.htm>

## O restaurante local

O restaurante em que escolhemos aplicar nosso instrumento de coleta de dados é muito tradicional na comunidade Barra da Lagoa. Ele está há 22 anos no mercado gastronômico de Florianópolis e se encontra no mesmo local desde sua fundação, quando era apenas um rancho de pescadores. A proposta inicial dos proprietários era servir pratos típicos da ilha e atender à comunidade. O cardápio possui receitas elaboradas com frutos do mar e peixes, típicos da Ilha de Santa Catarina. A maior parte de seus clientes é composta de turistas de outros lugares do Brasil e do mundo, bem como de pessoas da própria cidade que costumam passear pelas praias nos fins de semana. No geral, podemos deduzir que os clientes pertencem a classes socioeconômicas média alta e alta, por conta dos altos preços do cardápio e da infraestrutura que hoje o restaurante possui. Os funcionários da empresa formam uma equipe de aproximadamente 10 garçons, três *barmen* e 15 colaboradores da cozinha (entre cozinheiros e auxiliares de cozinha). Muitos desses funcionários são moradores do bairro, nativos de Florianópolis, mas há também alguns gaúchos, paulistas, um uruguaio e um peruano.

## O perfil dos informantes

Aplicamos nosso instrumento de coleta a três informantes nativos de Florianópolis, os quais nunca moraram em outro lugar além da comunidade em que nasceram — a Barra da Lagoa — e que têm em comum o mesmo local de trabalho — o restaurante que apresentamos na seção anterior. Um quadro com a ficha social dos informantes da amostra, escolhidos para a testagem do instrumento está apresentado a seguir:

Quadro 1 — Estratificação dos informantes da amostra.

Informante	Sexo	Idade	Escolaridade	Tempo de trabalho no restaurante
L	Feminino	36 anos	2º grau completo	13 anos <sup>5</sup>
T	Masculino	27 anos	2º grau completo	11 anos

---

<sup>5</sup> A informante trabalhou por dois anos no restaurante, logo que foi inaugurado. Depois de alguns anos, voltou a trabalhar no mesmo local, completando ao todo 13 anos de trabalho.

C	Masculino	39 anos	2º grau completo	18 anos
---	-----------	---------	------------------	---------

Nossa hipótese inicial era a de que o restaurante seria um local representativo da comunidade da Barra da Lagoa e que os indivíduos que ali trabalham formariam uma comunidade de prática, nos termos definidos em nosso aparato teórico. Acreditávamos nisso por conta de a empresa estar há tantos anos no mesmo bairro e por conta de, no início de sua fundação (quando o restaurante era apenas um rancho de pescadores), a proposta dos proprietários ter sido servir pratos típicos da Ilha e atender à comunidade.

### **Perfil do entrevistador**

Com o intuito de tornar a entrevista um momento de interação entre entrevistado e entrevistador, conforme Labov (2001), vimos que seria interessante este instrumento de coleta ser aplicado por uma pessoa da comunidade, que já tivesse vivido na comunidade ou que conhecesse os entrevistados, para que as pessoas se identificassem e fossem identificadas dentro da comunidade a que pertencem. Assim, a partir da interação com os participantes e da identificação com o espaço social, talvez pudesse emergir o sentimento de pertença ao local (o *localismo*) durante a conversa, em conformidade com Milroy (1980).

Da mesma forma, Baugh (2001) afirma que os pesquisadores de campo são mais eficientes como entrevistadores em determinadas comunidades. Para Baugh, a identificação do entrevistador com os entrevistados faz emergir certas acomodações linguísticas pessoais que têm um papel importante na natureza e na qualidade dos corpora coletados.

Apesar de não ser moradora nativa de Florianópolis, a escolha da entrevistadora do nosso instrumento de coleta se deu por morar em Florianópolis há 20 anos, sendo 10 anos na própria comunidade da Barra da Lagoa e, também, por ter trabalhado no restaurante e convivido com os entrevistados por mais de quatro anos.

## **SEGUNDA PARTE: ORGANIZAÇÃO DO ROTEIRO DE PERGUNTAS DAS ENTREVISTAS**

Como nosso instrumento busca captar o grau de pertencimento à comunidade e a identidade linguística de informantes nativos da Ilha de Santa Catarina, organizamos nosso roteiro de perguntas para a entrevista em quatro etapas:



Na **primeira etapa**, optamos por iniciar uma conversa guiada por perguntas referentes ao local de trabalho e ao bairro, a fim de captarmos a identificação desses indivíduos com o restaurante e com a comunidade da Barra da Lagoa. Fazem parte desta etapa perguntas sobre o trabalho no restaurante e a convivência com os colegas; questões relacionadas à atitude dos informantes referentes à comunidade da Barra da Lagoa; e perguntas sobre as atividades que os informantes exercem na comunidade e o apego à cultura local.

Com as perguntas referentes à convivência no restaurante, pretendemos obter respostas sobre as relações entre os indivíduos, com o objetivo de investigar se o grupo compõe ou não uma comunidade de prática, a de “Trabalhadores de um Restaurante da Barra da Lagoa”.

A partir das respostas às perguntas sobre a comunidade da Barra da Lagoa e às atividades que exercem na comunidade, pretendemos calcular os valores que representam o grau de identificação do informante com a comunidade local, conforme o estudo de Valle (2014). Nesse sentido, espera-se que, quanto maior a pontuação atingida ao final dos cálculos, maior será o grau de identificação do informante com a comunidade local.

Na **segunda etapa**, testamos a percepção linguística dos informantes com perguntas sobre seis áudios que executamos para eles ouvirem no momento da entrevista. Os áudios selecionados são trechos de falas reais de pessoas nativas de Florianópolis, que haviam sido entrevistadas<sup>6</sup> anteriormente por outros pesquisadores. Em cada áudio, está presente (pelo menos) uma variante de nossos objetos de estudo (a realização das oclusivas alveolares diante de /i/; e a realização de marcadores discursivos). A transcrição dos áudios se encontra a seguir:

➤ Áudio 1 (Africada não palatal [ts, dz]) – Ah, eu fiz uma vez assim... A primeira vez que eu peguei, já saí **direitinho**, né, já saí em pé. Mas... e daí depois não andei mais, porque não **tinha** mais como andar, não **tinha** mais lancha, não **tinha**... Agora meu marido comprou o motor e a **gente** vai ver se começa a **praticar** de novo. Até porque é **divertido**, né. Passa o tempo assim, agora a menina, a minha filha já está maior, já vai fazer um aninho, já... já brinca também.

---

<sup>6</sup> Os trechos foram coletados de entrevistas oriundas do Projeto ALIB e do Projeto VARSUL (Amostra Brescancini-Valle (2001-2010) e Amostra Floripa (2009-2012)).

➤ Áudio 2 (Não africada [t, d]) – Não, é porque o nosso **dia** a **dia** é assim, que é que a **gente** come: arroz, feijão, peixe. Peixe, ou camarão, tás entendendo? Peixe, camarão, siri, tem umas outras coisa [inint]. Então, o nosso passa- o **dia** a **dia**, nossa alimentação é isso.

➤ Áudio 3 (Africada palatal [tʃ, dʒ]) – Aproveitei muito bem a minha infância. Eu acho assim que foi uma coisa bem produtiva.

➤ Áudio 4 (*Não tem?*) – A gente comprava cinco, seis saca de cal e vinha tudo naqueles saco de cimento, *não tem?*

➤ Áudio 5 (*Entendesse?*) – Não, na verdade é que o turista ele traz coisas boas e traz coisas ruins, *entendesse?* Ele traz a moda, então, o ilhéu ele gosta muito de ver “ah, que moda é essa?”, aquele chapéu, aquele boné, aquela camisa, aquele calção, tal. E ele começa a querer andar na moda mesmo, *entendesse?*

➤ Áudio 6 (*Entendeu?*) – A gente se dá super bem, *entendeu?* Não é aquela relação, é, patrão e funcionário. É amigos, *entendeu?*

A cada áudio executado, perguntamos aos informantes o que acham desse modo de falar e o que os faz lembrar cada uma dessas falas. Depois perguntamos se o próprio informante usa essa forma de falar.

Com as respostas a essas perguntas, procuramos captar as percepções dos informantes sobre os fenômenos estudados.

Na **terceira etapa** fizemos perguntas direcionadas ao modo de falar local: i) o modo de falar no restaurante (se o informante já precisou mudar seu modo de falar quando conversava com algum cliente, se havia algum cliente com quem ele não usaria certas formas de falar, etc.); ii) a definição de “ser manezinho da ilha” (se há alguma diferença entre uma pessoa florianopolitana e uma pessoa manezinha da ilha, se o informante se identifica como sendo manezinho da ilha, etc.); e iii) o modo de falar do manezinho da ilha (se o informante tomaria como elogio se alguém dissesse que ele fala como um manezinho, se ele reconheceria um manezinho falando, etc.).

Acreditamos que as respostas à pergunta i) possam nos ajudar a atestar (ou não) uma de nossas hipóteses, a de que os informantes não alternam seu modo de falar nas interações com diferentes clientes porque se identificam com a comunidade local ao manter traços linguísticos do manezês.

A partir das respostas de ii) e iii), pretendemos trazer resultados do sentimento do informante em relação à sua origem e ao seu modo de falar. Esperamos que, quanto mais atitudes positivas o falante apresentar em relação ao “ser manezinho” e se identificar ele mesmo como sendo um manezinho e com seu modo de falar, apresentará maior grau de identificação com sua comunidade.

Na **quarta etapa**, testamos a avaliação metalinguística dos informantes. Fizemos perguntas diretas sobre cada variante dos nossos fenômenos.

Sobre a realização das oclusivas alveolares diante de /i/, utilizamos a frase “A tia vai que dia lá em casa?” para explorar as variantes, alternando entre [ts, dz], [t, d] e [tʃ, dʒ]. Nesta quarta etapa, a própria entrevistadora lê as frases (não há áudio gravado) e, para cada variante, pergunta o que o informante acha quando uma pessoa usa X (a entrevistadora diz a variante, por exemplo /tsi, dzi/), se essa forma de falar lembra algum grupo e se ele mesmo utiliza essa forma de falar.

Sobre a realização dos marcadores discursivos, a frase falada pela entrevistadora, alternando as variantes, foi “Não, eu vou na venda antes de ir na tua casa, *não tem?/entendesse?/entendeu?*”. Novamente, para cada variante, a entrevistadora pergunta o que o informante acha quando uma pessoa usa X, se essa forma de falar lembra alguma pessoa, algum grupo e se ele próprio utiliza essa forma de falar.

Com as respostas a essas perguntas, pretendemos captar as avaliações metalinguísticas dos informantes sobre os fenômenos estudados. Assim, após a aplicação do instrumento, propomos a elaboração de nuvens de palavras para verificar o grau de identificação dos informantes com a fala manezês, tanto na etapa de percepção quanto na de avaliação metalinguística. Os resultados dessa pesquisa serão divulgados em publicação posterior.

Os resultados de testes de percepção e de avaliação metalinguística, segundo Oushiro (2015), muitas vezes podem não coincidir com o uso real de fala dos indivíduos, mas podemos ter um panorama sobre a diversidade de atitudes dos falantes, que não necessariamente são as mesmas do pesquisador.

Com base em estudos anteriores (cf. ECKERT, 1996; VALLE, 2014; OUSHIRO, 2015), as quatro etapas de nosso instrumento de coleta nos levaram a elencar as seguintes hipóteses, sintetizadas abaixo:

- a) Sobre o grau de identificação com a comunidade e com a identidade linguística local: Conforme Valle (2014), acreditamos que, quanto mais os informantes estiverem voltados para atividades de dentro da comunidade e se identificarem com a cultura local e com o termo “manezinho”, apresentarão maior grau de identificação com a comunidade da Barra da Lagoa e com a identidade linguística local.
- b) Sobre a comunidade de prática “Trabalhadores de um Restaurante da Barra da Lagoa” e outras CPs às quais pertencem os informantes: Acreditamos que os informantes, por estarem unidos em prol de um objetivo comum (atender bem aos clientes), formem uma CP. Além disso, esperamos identificar outras CPs às quais pertençam os informantes.
- c) Sobre a percepção linguística e a avaliação metalinguística dos informantes: Acreditamos que as inferências realizadas pelos entrevistados sobre cada variante em estudo mostrarão o grau de identificação do informante com sua fala, bem como seu grau de identificação com a comunidade na qual está inserido.

## **POTENCIALIDADES DO INSTRUMENTO DE COLETA**

As quatro etapas de nosso instrumento de pesquisa nos levaram a analisar, a partir da amostra:

- a) o grau de identificação com a comunidade e com a identidade linguística local;
- b) possíveis comunidades de prática das quais os informantes fazem parte; e
- c) a percepção linguística e a avaliação metalinguística dos informantes.

As análises de a) e b) serão apresentadas a seguir. Os testes de percepção linguística e avaliação metalinguística serão apresentados em uma publicação posterior.

## **ANÁLISE DO GRAU DE IDENTIFICAÇÃO COM A COMUNIDADE E COM A IDENTIDADE LINGUÍSTICA LOCAL**

Conforme explicamos anteriormente, as perguntas que nos auxiliaram a captar dados que nos mostram o grau de identificação dos informantes com a comunidade da Barra da Lagoa estavam inseridas na primeira e na terceira etapas de nosso instrumento de coleta. Fizemos essa separação, pois algumas perguntas eram referentes ao modo de falar e, se estivessem logo na primeira etapa, talvez pudessem enviesar todas as respostas que viriam depois disso.

Baseando-nos no estudo de Milroy (1980) e de Valle (2014), que combinaram traços ou critérios para o controle de alguns indicadores em suas pesquisas, cremos que a soma de algumas características pode compor a identidade social dos indivíduos em relação ao seu lugar de nascimento e, a partir delas, sua identidade linguística vai se afirmando socialmente. No caso da Barra da Lagoa, estão dentre essas características: i) fala típica dos florianopolitanos; ii) localismo/mobilidade; e iii) avaliação/vínculo em relação aos moradores de outras partes da ilha e/ou aos moradores não nativos.

Valle (2014), que trabalhou com informantes da comunidade da Barra da Lagoa, considerou todos esses aspectos como variáveis isoladas, que fazem parte de uma variável complexa chamada “grau de identificação com o local”. Em cada uma dessas variáveis isoladas, a autora criou uma escala de pontuação em que os pontos mais altos seriam atingidos por aqueles informantes que apresentassem: uma fala mais característica do manezinho (preferindo utilizar uma fala mais acelerada, com prosódia aguda e com curva ascendente no final da frase, com escolhas lexicais típicas, e com preferência pela palatalização da consoante fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda, como em fe[[j]ta/me[ʒ]mo, e pela oclusiva alveolar diante de /i/ não africada ou africada não palatal, como em [t]ia/[d]ia, [ts]ia/[dz]ia, respectivamente); menor mobilidade para fora dos limites da comunidade e maior apego à cultura e a atividades locais; avaliação negativa e/ou pouco contato/vínculo com moradores de fora.

Com as perguntas que fizemos a nossos informantes, podemos trazer apenas resultados sobre a variável extralinguística complexa ‘localismo/mobilidade’<sup>7</sup>, adaptado de

---

<sup>7</sup> Valle (2014) analisa a variável “localismo/ mobilidade”, junto com outras duas variáveis isoladas, “característica da fala dos florianopolitanos” e “avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos”. Para o nosso estudo, fizemos uma adaptação da variável “localismo/ mobilidade” de Valle (2014) e não consideramos a variável “característica da fala típica dos florianopolitanos” porque seria preciso fazer um estudo descritivo das entrevistadas, controlando quantitativamente as variantes mais utilizadas por cada informante. Também não podemos trazer resultados da variável “avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos” em nosso estudo, pois não fizemos esse tipo de pergunta a nossos informantes (perguntamos apenas em relação a pessoas de fora que acabam vindo trabalhar no restaurante).

Valle (2014), cujos fatores sociais são: “Mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade”, “Participação/apego à comunidade” e “Atividades exercidas pelo informante e/ou por seus familiares”, que apresentamos no quadro a seguir:

Quadro 2 – Resultado da variável complexa ‘localismo/mobilidade’, modelo de Valle (2014) com algumas adaptações

<b>Localismo/mobilidade</b> Valor entre 0 e 3, resultante do somatório dos valores atribuídos em cada um dos critérios de localismo/mobilidade de considerados.	<b>Informante L</b> <b>FEM, 36 anos, 2º grau</b>	<b>Informante T</b> <b>MASC, 27 anos, 2º grau</b>	<b>Informante C</b> <b>MASC, 39 anos, 2º grau</b>
<b>Mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade</b> 1-Quase não circula pela área urbana e viaja pouco ou não viaja 0,5-Intermediário 0-Circula bastante pela área urbana e viaja bastante	Não costuma sair muito do bairro, mas não se incomoda de ter que ir para outros bairros fazer outras atividades, porque não é sempre que vai. Gosta de viajar, mas vai pouco.  Pontuação: 1	Uma vez na semana, costuma ter que ir pra Lagoa para pagar contas ou fazer compra em mercados maiores. Incomoda bastante o fato de ter que sair do bairro para pagar conta. Quando viaja, vai por perto, no próprio estado. Acha que tem muita coisa bonita no próprio estado.  Pontuação: 1	Não costuma fazer muitas atividades fora do bairro. Acha muito ruim ter que ir para o Centro, depender de ônibus. Não gosta muito de viajar por questões financeiras e diz que acaba sendo mais cansativo do que ficar mais perto de casa.  Pontuação: 1
<b>Participação/apego à comunidade</b> 1-Maior participação/apego 0,5-Não tem participação relevante 0- Sem participação/apego	Não participa de grupos na comunidade. Frequenta a igreja católica do bairro, mas bem pouco. Tem um grupo de amigas que se encontra todo mês. Informante não pesca e nem faz renda, mas a família sim. Gosta muito da praia e não mudaria da Barra. Não fica chateada de ser chamada de manezinha da ilha, pois é nativa e se identifica com o termo.	Participa bastante da igreja católica do bairro, toca violão na missa, participa do grupo de jovens, tem uma banda que toca Terno de Reis na época de natal. Informante surfa e a família pesca. Não sairia da Barra para morar em lugar nenhum. Identifica-se como manezinho.	Não participa de grupos na comunidade por conta da falta de tempo. Tem um grupo de amigos homens que se encontra todo mês. Não mudaria da Barra e diz que tem orgulho de ser manezinho.

	Pontuação: 0,5	Pontuação: 1	Pontuação: 0,5
<b>Localismo/mobilidade</b> Valor entre 0 e 3, resultante do somatório dos valores atribuídos em cada um dos critérios de localismo/mobilidade de considerados.	<b>Informante L</b> <b>FEM, 36 anos, 2º grau</b>	<b>Informante T</b> <b>MASC, 27 anos, 2º grau</b>	<b>Informante C</b> <b>MASC, 39 anos, 2º grau</b>
<b>Atividades exercidas pelo informante e/ou seus familiares</b> 1-Atividades ligadas a uma tradição local 0,5-Atividades na comunidade 0-Atividades na área urbana	Informante não pesca e nem faz renda, mas a família sim. Trabalha no restaurante do bairro, mas não é muito envolvida com atividades na comunidade.  Pontuação: 0,5	Informante surfa e a família pesca. Trabalha no restaurante do bairro e é bem envolvido com atividades na comunidade.  Pontuação: 1	Informante pesca (nas férias) e a família também. Trabalha no restaurante do bairro, mas não é muito envolvido com atividades na comunidade.  Pontuação: 1
<b>Somatória dos pontos:</b>	2,0	3,0	2,5

Fonte: Elaboração das autoras.

Conforme o Quadro 2, no cálculo da variável isolada ‘localismo/mobilidade’, o somatório dos pontos resulta em um valor escalar em que zero representa os informantes menos voltados para a comunidade e três aqueles mais voltados para a comunidade. Portanto, percebemos uma pontuação diferente para cada informante, respectivamente: L (2,0), T (3,0) e C (2,5).

De acordo com as respostas para o critério *Mobilidade e abertura para fora dos limites da comunidade*, todos disseram que não circulam com muita frequência pela área urbana e disseram que fazem poucas viagens nas horas de lazer (ou, quando viajam, preferem ir para lugares situados dentro do próprio estado de Santa Catarina).

Quanto às respostas do critério *Participação e apego à comunidade*, percebemos que os três informantes parecem apresentar apego pela comunidade, mas de maneira diferente: o informante T é muito participativo na comunidade tanto em período festivo, por ter uma banda que promove o Terno de Reis em época de Natal, quanto em período não festivo, com

envolvimento em atividades da igreja católica do bairro, como grupo de jovens e por tocar violão na missa. Já os informantes L e C apresentam uma menor participação na comunidade do que o informante T.

Com relação às respostas ao critério *Atividades exercidas pelo informante e/ou pelos seus familiares*, a informante L, dentre os três entrevistados, foi a que tirou o menor ponto. Apesar de seus familiares realizarem atividades tradicionais na comunidade, como pesca e renda, ela respondeu que não faz atividades de tradição local e não é muito envolvida com atividades na comunidade.

Com relação ao pertencimento à comunidade, todos os informantes disseram que não gostariam de morar em outro lugar que não fosse a Barra da Lagoa; e se identificam com o termo “manezinho da ilha”. Sobre a definição “ser manezinho da ilha”, percebemos em todas as respostas atitudes positivas dos informantes, relacionando o manezinho como sendo humilde, amigo, receptivo e aquele que valoriza a cultura que tem:

(1) O manezinho é aquela pessoa receptiva, é aquela pessoa que tá sempre aberta a ouvir as pessoas, a conversar com as pessoas, né, ajudar as pessoas numa necessidade, né, não é aquelas pessoas travadas que não dão bom dia, não falam com as outras pessoas, que passam pela rua e jogam uma latinha no chão sendo que tem uma lixeira próximo. Valorizam o ambiente, o lugar onde moram. (Informante C, MASC, 39 anos, 2º grau)

(2) O manezinho [...] é uma pessoa querida, é uma pessoa que trata todo mundo bem, é uma pessoa que tem as portas da casa sempre abertas para os outros, é uma pessoa que, se tu estás precisando de alguma coisa, se ele não tiver, mas ele vai tentar dar um jeito, vai te indicar alguém que possa fazer por ti. [...] Na questão do terno de reis [...], tem o manezinho e tem o florianopolitano que nem tu falou, muitas casas não abrem [para receber o Terno de Reis]. De pessoas que são nativas, daqui, que a gente conhece [...]. Pra mim, essa pessoa não é o manezinho, porque o manezinho conhece a cultura do terno de reis. [...] Porque, todo mundo que é o manezinho legítimo, ele participa da cultura da ilha. O cara não vem me dizer que ‘ah não, sou manezinho, eu prezo pela cultura’, se eu chegar na casa dele com Terno de Reis, ele não abre a porta, ele não é manezinho. Se ele não bater palma para um boi de mamão, não gostar, ele não é manezinho, porque o manezinho gosta disso. Então, essa é a diferença, entendeu, entre o florianopolitano, a pessoa que nasce aqui, mora aqui, mas não cultiva a cultura. [...] (Informante T, MASC, 27 anos, 2º grau)

Além disso, os informantes reconhecem que “ser manezinho” está relacionado a um certo modo de falar e se identificam eles mesmos como sendo manezinhos e como falantes do “manezês”:

(3) Ser manezinho é nascer em Florianópolis, [...] é valorizar aquilo que tu tem, né, que tu tem uma linguagem diferenciada, né, tu tem um lugar maravilhoso pra tu morar, tu vive num lugar maravilhoso, tu te dá bem com as pessoas. [...] Valorizam o ambiente, o lugar onde moram. E até a própria linguagem. Porque, o que eu mais odeio é alguém vim de fora pra cá e dizer assim: “Ah, o cara fala óióió”. Orra! Eu tô no meu lugar, queres que eu fale o quê? Queres que eu fale o espanhol? [...] Eu tô no meu lugar eu vou falar o quê, de forma diferente? Se tu quiser, tu te adaptem, eu não! Eu me identifico como manezinho da ilha, com a graça de Deus! (Informante C, MASC, 39 anos, 2º grau)



(4) Eu me identifico, minha filha me lembra bastante! [...] esse meu jeito de falar, a gente acaba rindo! [...] Mas é uma coisa que tá em ti, entendeu? Não adianta tu te policiar, porque uma hora tu vai falar, é teu jeito, é aquilo ali e pronto! Eu sou isso também, né! [...] Eu gosto [do falar do manezinho]. Eu adoro tipo... tipo esse áudio assim, de tu vê que são dos pescadores, sabe? Eu acho muito gostoso, representa o que, tipo, pô, a minha infância, né! Meu pai, eu lembro do meu pai, do meu vô, sabe? É da onde a gente veio, né. (Informante L, FEM, 36 anos, 2º grau).

Conforme apontado, os resultados mostram que dentro dos diferentes graus de identificação com o local, o informante T apresenta um envolvimento maior na comunidade da Barra da Lagoa. É importante destacar também que todos os entrevistados disseram que gostam do lugar onde moram e apresentam um certo apego à comunidade, e declararam sentimentos positivos em relação à sua origem e ao seu modo de falar e se identificam como sendo manezinhos da ilha.

#### ANÁLISE DA IDENTIFICAÇÃO DE POSSÍVEIS COMUNIDADES DE PRÁTICAS “TRABALHADORES DE UM RESTAURANTE DA BARRA DA LAGOA”

Uma de nossas hipóteses iniciais era a de que os indivíduos que trabalham no restaurante local formariam uma comunidade de prática. Após a análise dos dados, percebemos que é possível que os funcionários do restaurante formem uma comunidade de prática, pois se reúnem regularmente em torno de um mesmo objetivo e compartilham práticas sociais. Deduzimos isto, quando o informante T chega a mencionar que todos no restaurante se conhecem há muito tempo, inclusive por meio de relações familiares, e acrescenta que a relação profissional acaba sendo uma extensão da relação familiar:

(5) A gente fica tanto tempo junto fora daqui que, quando tá aqui, o convívio fica como se fosse igual. (Informante T, MASC, 27 anos, 2º grau)

Seria necessário aplicar o instrumento a outros trabalhadores do restaurante e realizar uma pesquisa mais aprofundada para atestar ou refutar essa hipótese.

Além disso, percebemos indícios da existência de outras CPs além da do restaurante. Há um grupo, cuja maioria dos membros pertence ao restaurante, chamado “Eles vinho”, formado por nove amigos que se reúnem mensalmente, cada mês na casa de um membro, que fica responsável pela alimentação, enquanto os demais membros levam, cada um, uma garrafa de vinho. No final do ano, esse grupo sempre faz uma festa em algum lugar separado. Segundo o informante C, trata-se de encontros entre amigos “basicamente para fofocar”. Além dos informantes C e T, outros quatro funcionários do restaurante também fazem parte

desse grupo. Os outros três membros são ex-funcionários do restaurante. Os informantes T e C também mencionam que jogam futebol juntos todo fim de semana. O informante C coloca, além disso, que tem contato com o informante T em festas. Os laços entre os informantes C e L já foram, no passado, mais fortes, quando estudaram juntos, mas agora se restringem ao restaurante e a algum contato entre os filhos deles no colégio. A relação entre os informantes L e T também ocorre em ambiente familiar. A informante L menciona um grupo de amigas chamado “Chicrets”, formado por ela e mais sete amigas. Elas se reúnem mensalmente para beber, comer e conversar sobre a família e os filhos. O informante T menciona outras CPs. Na igreja, toca na missa e participa do grupo de jovens. Também é integrante de uma banda de Terno de Reis. Além disso, participa do “Grupo Alumejo”<sup>8</sup>, que toca em festas da igreja e em casamentos.

Uma indicação para futuras pesquisas na comunidade da Barra da Lagoa seria a de investigar essas possíveis CPs, aplicando nosso instrumento com as devidas adaptações pertinentes à especificidade de cada um desses grupos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões do instrumento de coleta favoreceram, em geral, o objetivo de captar a identidade linguística dos informantes da Barra da Lagoa.

Quanto ao grau de identificação com a comunidade, a partir da pontuação feita pelo cálculo da variável isolada ‘localismo/mobilidade’ de Valle (2014), os resultados mostram diferentes graus de identificação com o local. O informante T pareceu apresentar um envolvimento maior na comunidade da Barra da Lagoa do que os demais. No entanto, destacamos que todos os entrevistados se identificam como manezinhos da ilha, de modo que gostam do lugar onde moram, apresentam apego à comunidade, valorizam a cultura local e possuem sentimentos positivos em relação à sua origem e seu modo de falar.

Um ponto negativo no que concerne às questões sobre identidade foi a ausência de perguntas sobre a avaliação/vínculo em relação aos moradores não nativos da comunidade da Barra da Lagoa: só fizemos perguntas sobre não nativos que trabalham no restaurante.

---

<sup>8</sup> O informante T explica que “alumejo” vem de “alumiar”, forma como o manezinho diz a palavra “iluminar”. Ele dá um exemplo: “Alumeia a sala, quiridu”.

Em relação à análise da Comunidade de Prática, as perguntas que elaboramos nos permitiram identificar algumas possíveis CPs dos informantes<sup>9</sup>, bem como captar evidências do grau de pertencimento deles à Barra da Lagoa. Todos os informantes se identificaram como manezinhos e destacaram, como elementos marcantes dessa identidade, o modo de falar e a valorização dos costumes locais.

Imaginávamos que o restaurante também seria apontado como representativo da Barra da Lagoa e, conseqüentemente, teria uma relação com a identidade do manezinho. Isso não se confirmou. Embora o ambiente de trabalho tenha, em alguns aspectos, gerado vínculos entre os informantes, percebemos que o restaurante, diferentemente do que esperávamos, não identifica os funcionários (ao menos os entrevistados) com o local em que moram. O ambiente do restaurante é quase familiar e produziu vínculos entre os funcionários, vínculos que extrapolam o local de trabalho, originando outras CPs. Todavia, os informantes julgaram que o restaurante não representa diretamente a Barra da Lagoa, por não ser voltado à cultura da comunidade e porque o preço não é acessível à maioria da população do bairro. Sendo assim, o restaurante não é o local que mais identifica esses informantes com o bairro. Na verdade, parece ser o local que menos identifica esses informantes com o “ser manezinho da Barra”.

Uma próxima etapa para dar continuidade a essa pesquisa seria fazer, após refinar o instrumento de coleta nos pontos falhos detectados, aplicá-lo (com o devido tempo de dedicação necessário para este tipo de estudo) aos membros das CPs identificadas nessa amostra piloto, como os grupos “Eles vinho” e “Chicrets”.

Pretendemos, em uma publicação futura, trazer os resultados da testagem do nosso instrumento de coleta para os testes de percepção linguística e avaliação metalinguística, que nos permitirão avaliar melhor a proposta como um todo.

Por fim, cremos que nosso instrumento de coleta é viável para futuras pesquisas, pois tivemos resultados concretos sobre o grau de identificação dos informantes com a comunidade da Barra da Lagoa e com a comunidade de prática do restaurante. Acreditamos, desse modo, que o estudo pode servir como base para futuras pesquisas sociolinguísticas que envolvam a relação entre língua e identidade.

## **REFERÊNCIAS**

---

<sup>9</sup> Não foi possível fazer uma análise completa de todas as CPs, por conta do tempo de coleta, que foi curto.

- BAUGH, J. A dissection of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge Press, 2001.
- BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: (Org.) FREITAG, R. M. K. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. de M. Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- ECKERT, P. (ay) Goes to the city: exploring the expressive use of variation. In: GUY, G.; FEAGIN, C.; ACHIFFRIN, D.; BAUGH, J. (Ed.). *Towards a Social Science of Language: Papers in honor of William Labov*. Volume 1: Variation and Change in Language and Society. Amsterdam: J. Benjamins, 1996.
- FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.) *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo, Buchler, 2015.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- \_\_\_\_\_. Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.) *Language in use*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 28-53.
- \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic change*. Vol. 2: Social factors. Cambridge: B. Blackwell, 2001.
- OUSHIRO, L. O que se diz e como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística. *Signo y Seña*, n. 28, dez. 2015, p. 139-167. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras (UBA). Disponível em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>>. Acesso em: 27 maio 2016.
- SEVERO, C. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna*, ano 4, n. 7, 2º sem. 2007.
- \_\_\_\_\_. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. *Revista Voz das Letras*, n. 9, 2008.
- SEVERO, C. G.; NUNES DE SOUZA, C. M. Identidade e língua na Ilha de Santa Catarina: sobre a relação entre o manezinho e o manezês. In: SAVEDRA, M. M. G.; MARTINS, M. A.; HORA, D. da. (Orgs.). *Identidade social e contato linguístico no português brasileiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ; EdUERJ, 2015, p. 13-36.
- TABOURET-KELLER, A. Language and Identity. In: COULMAS, F. *The handbook of sociolinguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 1998.
- VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VALLE, C. R.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: (Orgs.) GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. *Varição estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 93-121.